



Ano III, Nº **30** Junho de 2012 - Maré, Rio de Janeiro - distribuição gratuita

de NOTÍCIAS

EDIÇÃO
ESPE
CIAL

A MARÉ QUE NÓS QUEREMOS

Um projeto estruturante

Nossa história bem contada

Parto natural

Vantajoso para a mãe e para o bebê

Pág. 11 e 12

Marcílio Dias



Elsângela Leite

Raio X da comunidade Pág. 3

Rio + 20

Desenvolvimento sustentável de verdade Pág. 6

Arte naif



Seu Manoel no Museu do Folclore
Pág. 3

Lona Herbert Vianna
Programação Pág. 15



Elsângela Leite

Conheça as propostas apresentadas ao prefeito Eduardo Paes pelos presidentes das associações de moradores das comunidades da Maré e por instituições locais. Reunidos no coletivo A Maré que Queremos, o grupo abriu um canal de diálogo com o prefeito. **Pág. 7 a 10**



Reprodução/Acervo Nurmim

Livro sobre a história da Nova Holanda, contada a partir da vivência dos moradores, inaugura uma série que pretende revelar as 16 favelas da Maré. **Pág. 4 e 5**

Diversão e arte para qualquer parte



Rosilene Miliotti

Forró da praça do Parque União faz tanto sucesso que atrai pessoas de vários bairros do Rio de Janeiro e da Baixada. Diversão garantida! **Pág. 14 e 15**

Fortalecimento das vias democráticas

Na edição nº 7, de junho de 2010, o projeto A Maré que Queremos foi tema de capa do jornal, com o título: Projeto visa mudar a Maré. Em maio deste ano, finalmente, depois de vários contatos, o grupo conseguiu iniciar um diálogo direto com o prefeito da cidade. O *Maré de Notícias* promete continuar acompanhando este processo.

Para que todos possam acompanhar e cobrar, preparamos a página central no formato jornal mural, contendo as propostas levadas ao prefeito. Vamos todos pendurar a página na parede para que mais pessoas leiam e participem. Fazem parte do projeto todas as 16 Associações de Moradores e instituições como a Redes, o Luta pela Paz e a Ação Comunitária do Brasil.

A elaboração desta reportagem nos levou a desenvolver uma edição especial, dedicada ao bairro que desejamos. Como poderá ser lido nas próximas páginas, queremos parto natural, cultura e desenvolvimento sustentável de verdade. Além disso, estivemos em Marcílio Dias (leia na pág. 3), onde os diretores da Associação de Moradores demonstraram sintonia com a ideia de o poder público planejar a Maré que queremos.

A todos, uma ótima leitura!

HUMOR “Evolução Humana” Por André de Lucena



carta

UFRJ na Maré

Venho por meio deste, primeiramente, parabenizar pelo trabalho desenvolvido por esta instituição e agradecer a ampla divulgação do nosso trabalho. Aproveitamos para relatar que as matérias do *Maré de Notícias* têm sido fonte de pesquisa e trabalho nas turmas de Alfabetização do Programa. Gostaríamos, também, de informar e pedir uma errata a respeito de informações da Edição nº 29, maio de

2012. Desde 2011, devido a ampliações das ações do Programa, agregando vários projetos além da Alfabetização de Jovens e Adultos, houve uma mudança de nome para **Programa Integrado da UFRJ para Educação de Jovens e Adultos**. Outra informação equivocada é com relação à certificação. Nós emitimos uma declaração para os alunos que são encaminhados para o Ensino Regular, informando que eles passaram pelo processo de alfabetização. Não se trata de um Certificado de conclusão.

*Renata Corrêa Soares
Programa Integrado da UFRJ para
Educação de Jovens e Adultos*



Expediente

Instituição Proponente

Redes de Desenvolvimento da Maré

Diretoria

Andréia Martins
Eblin Joseph Farage
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz da Nóbrega Júnior
Fernanda Gomes da Silva
Helena Edir
Patrícia Sales Vianna
Shyrei Rosendo

Instituição Parceira

Observatório de Favelas

Apoio

Ação Comunitária do Brasil

Administração
do Piscinão de Ramos

Associação Comunitária
Roquete Pinto

Associação de Moradores e
Amigos do Conjunto
Bento Ribeiro Dantas

Associação dos Moradores e
Amigos do Conjunto Esperança

Associação de Moradores
do Conjunto Marcílio Dias

Associação de Moradores
do Conjunto Pinheiros

Associação de Moradores
do Morro do Timbau

Associação de Moradores
do Parque Ecológico

Associação de Moradores
do Parque Habitacional
da Praia de Ramos

Associação de Moradores
do Parque Maré

Associação de Moradores
do Parque Rubens Vaz

Associação de Moradores
do Parque União

Associação de Moradores
da Vila do João

Associação Pró-Desenvolvimento
da Comunidade de Nova Holanda

Biblioteca Comunitária Nélide Piñon

Centro de Referência de Mulheres
da Maré - Carminha Rosa

Conexão G

Conjunto Habitacional Nova Maré

Conselho de Moradores
da Vila dos Pinheiros

Luta pela Paz

União de Defesa e
Melhoramentos do Parque
Proletário da Baixa do Sapateiro

União Esportiva
Vila Olímpica da Maré



Editora executiva e jornalista responsável

Sílvia Noronha
(Mtb - 14.786/RJ)

Repórteres e redatores

Hélio Euclides
(Mtb - 29919/RJ)

Jéssica Oliveira
(estagiária)
Rosilene Milliotti
Silvana Bahia
(Estagiária)

Fotógrafa

Elisângela Leite

Projeto gráfico e diagramação

Pablo Ramos

Logotipo

Monica Soffiatti

Colaboradores

Anabela Paiva
André de Lucena
Aydano André Mota
Diogo dos Santos
Flávia Oliveira
Observatório de Favelas
Thiago Ansel

Impressão

Gráfica Jornal do Comércio

Tiragem

40.000 exemplares

Redes de Desenvolvimento da Maré

Rua Sargento Silva Nunes, 1012,
Nova Holanda / Maré
CEP: 21044-242
(21) 3104.3276
(21)3105.5531
www.redesdamare.org.br
comunicacao@redesdamare.org.br

Os artigos assinados não
representam a opinião do jornal.

Parceiros



Área de Lazer, projetos e moradia

 Silvia Noronha  Elisângela Leite

A comunidade de Marcílio Dias, que teve início com a construção de barracos sobre palafitas erguidos por pescadores em 1948, viveu dias agitados em maio. As famílias de Mandacaru tiveram de sair e seus barracos foram imediatamente destruídos pela prefeitura. Os moradores foram reassentados em um conjunto habitacional com apartamentos de dois quartos que passam a ser de propriedade deles, porém situados em Campo Grande, Zona Oeste da cidade.

As famílias esperavam por este momento desde fevereiro de 2010, quando a Secretaria Municipal de Habitação marcou casa por casa com as suas iniciais SMH. Na época, o *Maré de Notícias* (Ed. nº 4, de março de 2010) esteve no local e a reclamação era a falta de diálogo com a prefeitura. Os moradores queriam sair, devido à total falta de infraestrutura, mas não esperavam ir para tão longe. O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável do Rio de Janeiro recomenda que as remoções sigam alguns parâmetros, entre eles que o reassentamento seja feito em áreas próximas, o que não foi respeitado.

Os comerciantes, por sua vez, pelo menos até fins de maio, não haviam recebido qualquer indenização. Segundo a prefeitura, as ruas desocupadas servirão para dar passagem para o Mercado São Sebastião.

Boas novas para Marcílio

Mas Marcílio Dias também vive boas novas, embora parte delas ainda esteja no campo da “promessa”, conforme frisa a presidente da Associação de Moradores, Jupira dos Santos, ao listar os planos anunciados. Um deles é a transformação de um trecho que contorna a Marinha na Av. Lobo Júnior em área de lazer. O projeto, porém, está emperrado, pois parte da obra é de responsabilidade da prefeitura, que precisa limpar o local, e a outra parte mais colada ao muro será feita pela Marinha.

A reforma da praça, pelo menos, já está em andamento. Além da reforma da quadra, a prefeitura prometeu a transformação dos trailers em quiosque. Bem ao lado, atrás da associação, segundo Jupira, será construído um Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI), com creche e pré-escola. “Por enquanto, tudo promessa”, ressalva.

Jupira deseja ainda melhorias no abastecimento de água potável. O programa Água para Todos foi desenvolvido no local, porém a água continua sem força. “As coisas são feitas picadas. Não existe um planejamento para a comunidade”, reclama o diretor da associação, Edmilson Joaquim da Silva.

Um projeto que anda a pleno vapor é a Colônia de Pescadores de Marcílio Dias, que recebe toneladas de pescado diariamente, a maior parte capturado dentro da Baía, e um bom movimento de compradores com seus caminhões frigoríficos. “Tem bastante peixe (na Baía). Sinto que melhorou de um ano e meio, dois anos pra cá. Os pescadores da própria colônia e de fora estão conseguindo trabalhar”, conta Igor Leonardo Cunha da Silva, que administra a Colônia junto com Milca Gino.



A gente quer...

Nossa história bem contada



Reprodução/Acervo Numim

Nova Holanda faz 50 anos e ganha um livro com a sua história feita pelos próprios moradores

 Silvia Noronha

“Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda”, primeiro livro de uma série que pretende apresentar a história das 16 favelas da Maré, nos transporta para os tempos de outrora, a partir da vivência dos próprios moradores. Eles contam sobre a chegada à comunidade, sobre a ligação com a cultura local, o estabelecimento dos laços familiares e demais fatores que contribuem para o assentamento de raízes.

O livro será lançado dia 15 de junho, às 17h, no Centro de Artes da Maré (CAM), pelo Núcleo de Memória e Identidade (Numim), da Redes da Maré, com o patrocínio da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro e do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac). O segundo e o terceiro volumes já começaram a ser produzidos e serão sobre o Morro do Timbau e o Parque Maré. O objetivo do projeto é resgatar a contribuição dos moradores da comunidade na construção da sociedade carioca e fluminense, reconhecendo-os como sujeitos plenos da história.

O livro da Nova Holanda, que também traz textos sobre as origens da comunidade, foi coordenado por Edson Diniz, diretor da Redes, Marcelo Castro Belfort e Paula Ribeiro. O trabalho contou ainda com a participação de quatro jovens estudantes da Maré: Higor Antonio, Marcelo Lima, Kelly San e Diogo Vitor. “A cidade precisa ser uma só, reconhecendo a diversidade de seus espaços, histórias e identidades como algo positivo, como uma

característica que a torna mais bela, melhor de se viver e que marca de forma indelével a alma carioca”, avalia Edson.

Selecionamos alguns trechos para dar ainda mais vontade de ler o livro inteiro.

Seu Joaquim Severino da Silva

“Se o cara pergunta se você já encontrou um lugar que é melhor que a Nova Holanda, você diz: ‘Melhor que a Nova Holanda, só quando eu chegar no céu,’ porque Nova Holanda é só aqui na Nova Holanda. Porque a Nova Holanda tem tudo, tem comércio, tudo, tudo, tudo. A gente tá tomando um cafezinho, o homem passa aí, todo dia, a comunidade, cinco da manhã até oito da noite, perdi as contas, todos trabalham. Tem ônibus pra Barra, ônibus pra Alvorada, ônibus pro Leblon! Kombi, ih, meu Deus, quer melhor do que isso? Está tomando um cafezinho e o cabra diz: ‘Ôh, seu Joaquim!’ E eu digo: ‘Ôh, meu filho, espera aí que tô tomando meu cafezinho aqui!’ O cara para a Kombi, a gente

toma o cafezinho, joga o copo dentro da pia e pega a Kombi e vai para Bonsucesso. ”

Seu Adevanir de Oliveira

“Lá no Esqueleto, a gente tinha fundado um blocozinho carnavalesco, mas com a saída de lá, aquilo se espalhou, mas aqueles que vieram pra cá fundaram um outro bloco: ‘Unidos de Nova Holanda’, do qual eu assumi a direção da bateria. E ali a gente fazia reunião toda semana, muito bonito aquilo também. Era um bloco sem compromisso, era simplesmente pra complementar um lazer que não tinha na comunidade. Eu me sentia muito bem fazendo aquilo, independente da diretoria do bloco da Nova Holanda, porque eu fiz uma diretoriazinha para ajudar a bateria. E a gente fez uns dois ou três desfiles. A gente preparava, se ajuntava, entrava no ônibus e ia pra cidade, porque não tinha que tirar licença. Então, a gente ia lá e desfilava na Rio Branco, fazia aquela farrá. Depois, ia pra casa. Aí desfilava por aqui e aí acabava. Até que houve um ano em que a gente



Elisângela Leite

a partir da esq.: Marcelo Belfort, Kelly, Aline, Gilson, Marcelo Lima, Higor, Rafaela e Edson

Reprodução/Acervo Numim



chegou no desfile na Presidente Vargas, a passarela era na Presidente Vargas, aí não deixaram a gente passar na passarela. Já tinha televisão e deu um problema danado lá com o pessoal que tomava conta. Aí, todo mundo me viu na televisão reclamando e tal. Acho que aquilo que me tornou muito conhecido na comunidade... E eu disse: "Não tem problema, vocês não deixam a gente passar pela pista, a gente vai passar por de trás". Passamos por de trás da pista e a televisão filmando a gente. Fomos até o final, voltamos e cumprimos a nossa meta, que era de desfilar. Eu acredito que a gente tinha umas 800 pessoas mais ou menos e fizemos nosso desfile até chegar aqui."

Jurema Onofre de Souza, a Dona Noca

"Eu vim pra cá com dez anos, quando aconteceu a remoção. Não ficamos no albergue, não. Era barraco, tudo madeira. Era madeira, assim, azul e branquinha. A janelinha e as porta eram azuis. Era só barraco, mas tinha piso, tudo direitinho. O banheiro também, tudo de pau. O Carlos Lacerda removeu a gente pra cá. (...) Ah, eu gosto daqui, sim. A Nova Holanda era melhor do que o Esqueleto. Eu me lembro sabe o quê?! Aqui, na Teixeira Ribeiro, nós passamos com o caminhão da gente, da remoção, e era numa pinguela! Aí, tinha uns barraquinhos na água e, quando a gente passou, falaram assim: "Lá vêm os esqueletos humanos! Olha os esqueletos humanos chegando!" Eu me lembro disso até hoje. Hoje em dia, esse pessoal é grande amigo meu. Você tinha que ver a Teixeira Ribeiro como é que era! Hoje em dia, isso aqui está um sucesso. Isso aqui está a Zona Sul!"

Dona Maria Lopes, a Maria da Cocada

Essa iniciativa que vocês estão tomando é muito importante. É muito importante que vocês tenham o que contar, contar o que foi a Nova Holanda e o que é a Nova Holanda. Como a Nova Holanda iniciou e o que ela é hoje e está se tornando. Muito abençoado. E talvez as pessoas que moram lá embaixo, na sociedade... aqui dentro tem pessoas com muito mais categoria. Entendeu?!"

Seu Genival de Oliveira

"Isso aqui tudo era maré. Maré enchia, enchia tudo aqui. Começaram a aterrar e eu, quando vim para cá, ainda não tinham aprontado ela [a Nova Holanda]. Ainda faltava botar luz, água, calçada... Não tinha calçada aí na rua, não era asfalto, era barro! De manhã cedo, só via nego com um balde d'água, com uma criança atrás, até a mulher mesmo ia junto com ele, com o marido, ia levando um balde d'água e um pano pra ele enxugar os pés, que lavava lá na Avenida Brasil, se calçava e ia trabalhar. A lama dava no meio da canela, o barro. Porque... como ia pisar na lama calçado? Era um barro vermelho aqui, só você vendo. Chovia, pronto, acabava a graça aqui. E quando fazia sol era aquela poeira de barro... Era um sofrimento aqui. Depois botaram paralelepípedo e daí botaram o asfalto.

Em 1961, já tinha a Light. Tinha uma associação já, de morador, que a gente pagava um trocado. Não tinha relógio ainda, não tinha nada. Tinha um cara que tomava conta lá da sede, o seu Ezaquiel, e se não pagava aquela taxa, ele ia lá e cortava a luz. Aí, o cara pagava, ele ia lá e ligava de novo. Quando estourava um transformador, queimava um fusível, a gente fazia vaquinha pra comprar outro."



Dona Olízia Correia



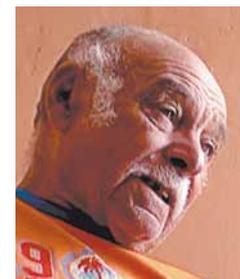
José Adriano



Joaquim Severino



Adevanir de Oliveira



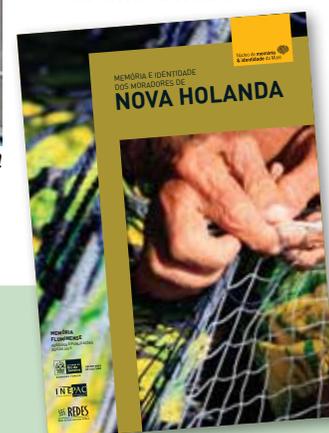
Genival de Oliveira



Maria da Cocada



Jurema Onofre



LANÇAMENTO

15 de junho, 17h
Centro de Artes da Maré (CAM)
R. Bittencourt Sampaio, 181
Nova Holanda

A gente quer...

Um modelo sustentável

Rio + 20: Chefes de Estado estarão no Rio para debater o desenvolvimento sustentável, sem propor as mudanças desejadas pelos movimentos sociais

 Thiago Ansel / Observatório de Favelas

Entre os dias 20 e 22 de junho, o Brasil recebe a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, a Rio + 20. O evento, no entanto, se aproxima sob a sombra de uma pergunta lançada já há algum tempo pelos movimentos sociais globais: “De que modelo de desenvolvimento sustentável a reunião dos líderes mundiais vai tratar?” Não faltam razões para este questionamento e no centro delas estão as variadas interpretações e apropriações da expressão “desenvolvimento sustentável”, por uma gama considerável de atores sociais, com interesses distintos e mesmo conflitantes.

O professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), Jorge Barbosa, observa que o debate tende a caminhar na direção do chamado “uso racional” dos recursos naturais e da “gestão racional” do meio ambiente.

“O discurso oficial da Rio + 20 almeja até agora é dar um rosto social para políticas que só fazem reforçar a desigualdade”



Extração de minério de ferro em Minas, exemplo de recurso natural que requer uso racional

Silvia Noronha

“As empresas privadas são escolhidas como instrumentos de recuperação e preservação daquilo que elas mesmas provocaram: escassez e destruição. É necessário colocar em causa o controle social sobre as ações das empresas, pelo menos no que disser respeito à emissão de gases, despejo de resíduos e ao uso predatório de recursos da natureza”, avalia.

Segundo Tica Moreno, representante do Comitê Facilitador da Cúpula dos Povos – evento paralelo à conferência oficial, que ocorre entre os dias 15 e 23 de junho no Aterro do Flamengo – a “erradicação da pobreza” nos termos do documento base da Rio + 20 nada tem a ver com alterar a atual lógica dominante da produção e do consumo.

“Não vemos nada a respeito da erradicação da desigualdade. Tudo que o discurso oficial da Rio + 20 almeja até agora é dar um rosto social para políticas que só fazem reforçar a desigualdade”, explica a ativista, que também fala em nome da Marcha Mundial das Mulheres.

Favelas na Cúpula

Durante a Cúpula dos Povos, as organizações da sociedade civil e os movimentos sociais debaterão questões em torno de três eixos: Denúncia das causas estruturais das crises, das falsas soluções e das novas formas de reprodução do capital; Soluções e novos paradigmas dos povos; e Como estimular as organizações a articularem processos de luta anticapitalista pós-Rio+20.

As atividades serão divididas em grupos de discussão autogestionados, assembleia permanente dos povos e espaço para que as entidades e movimentos sociais demonstrem, troquem e pratiquem suas experiências.

Um conjunto de organizações que atuam no entorno da Av. Brasil (Redes da Maré, Observatório de Favelas, Verdejar, Cooperativa Eu quero Liberdade, Raízes em Movimento, entre outras) fará uma intervenção durante a Cúpula dos Povos em duas favelas da região.

- No dia 16 de junho, no Galpão de Artes Bela Maré (Rua Bittencourt Sampaio, 169, Nova Holanda), acontecerá o debate “A favela na Agenda de Direitos Sociais e Ambientais”. Atividades a partir das 14h e debate às 15h.
- No dia 19, no Alemão (Travessa Soldado Adelino Cândido de Oliveira, Morro da Esperança - Pedra do Sapo), o Verdejar e a Cooperativa de reciclagem Eu Quero Liberdade demonstrarão tecnologias e soluções para as questões ambientais. Atividades a partir das 10h.

Destas atividades serão retiradas propostas enviadas a uma das plenárias da Cúpula dos Povos. De acordo com o Informe 2012 da Anistia Internacional, lançado em maio, no Brasil, projetos econômicos de grande escala, inclusive os que visam a preparar o país para a Copa e as Olimpíadas, estão deixando as comunidades pobres ainda mais vulneráveis, sob o risco de intimidações e remoções forçadas. Neste sentido, o risco de desastre ambiental, sobretudo, pela ocupação de encostas, continua sendo mobilizado como pretexto para as remoções de favelas. Acompanhando esse discurso, quase sempre, vem a responsabilização dos moradores por eventuais desastres ambientais nestes territórios.

“A gente sabe e entende que a realidade que vivemos é resultante de um processo histórico. Então, se hoje uma pessoa ocupa uma encosta de morro, beira de rio ou franja de unidade de conservação é porque, no passado, ela não teve condição de ocupar outras áreas seguras ou ditas ‘seguras’”, ressalta Edson Gomes, coordenador geral do Verdejar Socioambiental, organização que atua na Serra da Misericórdia, no Alemão.

Leia a matéria completa em <http://www.observatoriodefavelas.org.br>
Para saber mais: <http://cupuladospovos.org.br>

Uma conversa cara-a-cara

Depois de dois anos da criação do projeto, a expectativa por diálogo e soluções

 Hélio Euclides  Elisângela Leite

Presidentes de associações de moradores, várias lideranças e representantes de instituições locais tiveram o primeiro encontro com o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, para discutir as propostas contidas no projeto A Maré que Queremos. A reunião no Centro de Artes da Maré (CAM), na Nova Holanda, na manhã de 19 de maio, reuniu ainda três vereadores.

Os representantes da Maré manifestaram contentamento com o primeiro passo para a implantação de um projeto estruturante, com base nas demandas mapeadas pelos líderes comunitários. O coletivo A Maré que Queremos foi criado em fevereiro de 2010, reunindo os presidentes das associações de moradores, por iniciativa da Redes da Maré para, juntos, pensarem num projeto estruturante para o bairro. Desde então, o grupo vinha tentando se reunir com o prefeito. “Acho bom o incentivo à integração.

Estão juntas as 16 associações e outras organizações da Maré, num só corpo”, resumiu o presidente da Associação de Moradores do Morro do Timbau, Osmar Paiva Camelo.



“Estão juntas as 16 associações e outras organizações da Maré, num só corpo”

O prefeito elogiou a iniciativa e firmou compromisso de realizar reuniões periódicas com o fórum. A segunda reunião foi marcada para 14 de julho, às 15h. Saúde, Educação e Conservação foram os temas escolhidos para serem tratados nos próximos dois meses, com a realização de reuniões com a presença dos secretários e executivos responsáveis por estas áreas. “Na próxima reunião eu vou ser o interlocutor. A proposta é fazer algumas rodadas com os secretários,

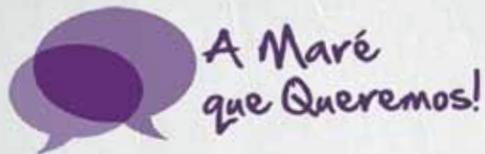
para eles mapearem. Vamos trazer os representantes da educação, saúde e também a Comlurb. Esses encontros facilitam a minha vida”, afirmou o prefeito.

Ele firmou ainda o compromisso da continuidade do trabalho da Rio-Luz e da operação Tapa-buracos (Secretaria de Conservação). Ainda comentou que pretende investir na cultura, com aumento no número de arenas e melhoria das lonas. Sobre o transporte alternativo, Paes foi taxativo ao aceitá-lo apenas como complemento, dentro da comunidade.

Segundo Eliana Sousa Silva, coordenadora geral da Redes, um dos objetivos do grupo é acabar com práticas políticas de favor. “Somente organizados podemos mudar as coisas. Por isso, o envolvimento do conjunto das associações de moradores é fundamental. Temos de trabalhar na direção da autonomia das instituições locais”, ressaltou. “Há muito investimento público aqui e, no entanto, o Índice de Desenvolvimento Humano da Maré, que mede a qualidade de vida de determi-

nado território, é péssimo. Queremos não só que os equipamentos públicos cheguem até a Maré, mas sobretudo que tenham qualidade e sirvam permanentemente à comunidade”.

Nas pág. 8 e 9, conheça as reivindicações prioritárias da Maré entregues ao prefeito. Leia também o artigo de Eliana Sousa, na pág. 10. Fique por dentro e vamos todos cobrar resultados!



Nós, dirigentes das 16 Associações de Moradores do bairro Maré, que agrega as seguintes comunidades: Conjunto Esperança, Vila do João, Conjunto Pinheiros, Vila dos Pinheiros (Salsa e Merengue e Parque Ecológico), Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Morro do Timbau, Baixa do Sapateiro, Nova Maré, Parque Maré, Nova Holanda, Parque Rubens Vaz, Parque União, Parque Roquete Pinto, Praia de Ramos e Marcílio Dias, vimos solicitar ao Sr. Prefeito Eduardo Paes que inclua no seu planejamento governamental as demandas relacionadas no corpo desse documento, definidas pelo movimento coletivo local denominado "A Maré que Queremos."

O coletivo "A Maré que Queremos" é uma iniciativa que vem reunindo mensalmente, desde fevereiro de 2010, o conjunto das Associações de Moradores da Maré. O intuito maior desse trabalho, proposto pela Organização Não-Governamental Redes da Maré, é a construção de espaços de diálogos entre esses dirigentes de forma a se construir uma agenda integrada dirigida para a melhoria da qualidade de vida dos moradores da Maré. A idéia-força orientadora desse trabalho foi a unificação de todas as associações de moradores locais em torno de necessidades e objetivos comuns, resgatando-se uma importante característica da Maré: o histórico de lutas conjuntas de seus moradores em torno de seus direitos...

Documento completo em www.redesdamare.org.br



- SALAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA), 1º E 2º SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ciep Hélio Smidt
Ciep Elis Regina
Escola IV Centenário
Escola Josué de Castro
Escola Teotônio Vilella
Escola Armando Sales de Oliveira

MAIS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL QUE ATENDAM, PRIORITARIAMENTE, O 2º SEGMENTO (6º AO 9º ANO)

Vila Pinheiro (próximo ao Parque Ecológico)
Salsa e Merengue (terreno no final da rua principal)
Parque União (terreno próximo a Linha Vermelha)
Marcílio Dias (terreno dentro da comunidade)

MAIS ESPAÇOS DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL (EDI)

Conjunto Esperança (ao lado da Assoc. de Moradores)
Conjunto Pinheiros (ao lado da Assoc. de Moradores)
Vila Pinheiros (no Parque Ecológico, que já é da Prefeitura)
Baixa do Sapateiro (Terreno próximo à Praça do XVIII)
Parque Maré (Av. Brasil, esquina com R. Teixeira Ribeiro)
Parque União (Terreno próximo à Linha Vermelha)
Praia de Ramos (no Ciep Leonel de Moura Brizola)
Marcílio Dias (espaço dentro da Comunidade)

MAIS TURMAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM TODAS AS ESCOLAS

Essas são as reivindicações entregues ao prefeito em 19 de maio de 2012 pelas 16 Associações de Moradores da Maré



REALIZAÇÃO DE TRABALHO DE PAISAGISMO NAS PRAÇAS DE TODAS AS COMUNIDADES.

MELHORIA DA COLETA EXISTENTE COM A CONTRATAÇÃO DE MAIS FUNCIONÁRIOS, REVISÃO DO SISTEMA EM FUNCIONAMENTO ATUALMENTE E MELHORIA DOS EQUIPAMENTOS E ESTRUTURA ATUAL.

IMPLANTAÇÃO DE COLETA SELETIVA DE LIXO E REALIZAÇÃO DE CAMPANHAS EDUCATIVAS EM TORNO DA QUESTÃO DO LIXO.

REURBANIZAÇÃO DE TODOS OS ESPAÇOS PÚBLICOS.

CRIAÇÃO DE PONTOS DE ENTREGA DE LIXO TÓXICO.

REURBANIZAÇÃO DO CANAL EIXO 300.

CRIAÇÃO DE PONTOS DE ENTREGA DE LIXO SELETIVO.

ARBORIZAÇÃO DO CONJUNTO DO TERRITÓRIO.

CRIAÇÃO DE PROGRAMA DE MANUTENÇÃO DAS PRAÇAS E ÁRVORES EXISTENTES.

LIMPEZA DOS CANAIS ENTRE R.V E P.U.

REVITALIZAÇÃO DO PARQUE ECOLÓGICO.

CRIAÇÃO DE SETOR LOCAL DE MANUTENÇÃO DA REDE DE ILUMINAÇÃO.

MODERNIZAÇÃO DA REDE PÚBLICA DE ILUMINAÇÃO LOCAL.

é isso que queremos!

A gente quer...

Coloque este mural na parede para ficarmos todos de olho!



Elisângela Leite



Elisângela Leite



Hélio Euclides

SAÚDE

CONSTRUÇÃO DAS CLÍNICAS DAS FAMÍLIAS

Nova Holanda
Parque União
Vila Pinheiros

CONSTRUÇÃO DE DOIS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL (CAPS)

ESPORTE & LAZER

CONSTRUÇÃO DE CICLOVIA INTEGRANDO A MARÉ E O TERRITÓRIO A OUTRAS PARTES DA CIDADE.

CRIAÇÃO DE QUADRA POLIESPORTIVA EM TODAS AS COMUNIDADES.

ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS ESPORTIVOS ANUAIS EM PARCERIA COM AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES.

COLOCAÇÃO DE ACADEMIA DA TERCEIRA IDADE NAS OITO PRAÇAS DA MARÉ.

TRANSPORTE

IMPLEMENTAÇÃO DE LINHAS DE ÔNIBUS DENTRO DA MARÉ.

LEGALIZAÇÃO DO TRANSPORTE ALTERNATIVO.

CONSTRUÇÃO DE TERMINAIS LOCAIS.

ORDENAMENTO DO TRANSPORTE EXISTENTE.

DEFINIÇÃO DE ITINERÁRIOS DOS ÔNIBUS.

ARTE & CULTURA

TRANSFORMAÇÃO DA LONA CULTURAL HERBERT VIANA EM PROJETO DE ARENA CARIOCA

CRIAÇÃO DE PROGRAMA PARA AJUDAR A ESCOLA DE SAMBA EXISTENTE E/OU AOS BLOCOS LOCAIS

REVITALIZAÇÃO DA LONA CULTURAL DE RAMOS

CRIAÇÃO DO "CINEMA DA MARÉ"

A gente quer...

Diálogo e qualidade de vida

Um pouco do que foi dito ao prefeito durante a reunião em 19 de maio, na Maré

Eliana Sousa e Silva, coordenadora Geral da Redes da Maré

O mais importante resultado que buscamos após a reunião com o prefeito Eduardo Paes é tentar inaugurar uma forma diferente de fazer políticas públicas aqui na Maré. Oitenta por cento dos municípios do país não possuem o tamanho da Maré. Então aqui não é um bairro comum; é uma cidade de médio porte do Brasil. Estamos há muito tempo lutando para de fato garantir uma melhora na qualidade de vida local, tentando fazer com que os equipamentos públicos cheguem, permaneçam e tenham qualidade. Se a gente está conquistando postos de saúde e clínica da família, queremos que a qualidade seja garantida, porque apenas instalar o equipamento não dá conta da qualidade.

Quando você vê o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) da Maré percebe que, apesar dos recursos públicos aplicados – os governos investiram muito aqui historicamente – a qualidade de vida ainda não é boa. A qualidade da educação não é boa, da saúde não é boa. O que acontece? Não adianta querer solução mágica. Esta lista de propostas (veja nas pá-

ginas 8 e 9 desta edição) que as lideranças comunitárias elencaram é porque as pessoas estão com isso na ponta da língua.

A proposta aqui é que a gente possa reconhecer os equipamentos, para que suas funções sejam exercidas adequadamente. A RA (Região Administrativa), por exemplo, por que ela está aqui? Porque a gente precisa fortalecer um equipamento que é público, a prefeitura precisa trabalhar de fato ali para a RA funcionar e fazer o conjunto de equipamentos públicos funcionar. Por exemplo, a Comlurb é uma empresa fantástica, do ponto de vista da resposta que ela dá. Representantes da Comlurb já vieram quatro ou cinco vezes na nossa reunião (do projeto A Maré que Queremos), visitaram todas as associações, listaram conosco os problemas, mas, de fato, falta estrutura para a companhia trabalhar. Então assim não pode ser.

Sabemos que a resposta não vai vir de imediato, mas precisamos estabelecer essa relação diferenciada, precisamos qualificar e valorizar os atores políticos. Os políticos têm que ser vistos de uma forma diferente, não como instrumentos pessoais. Não adianta ter equipamento público se você não sabe porque ele está ali, se você acha que é obra de uma pessoa.

O que a gente quer é olhar para o que já existe, parar de pensar pontualmente e tentar resolver os problemas de forma estrutural. Nós temos um Censo da Maré, conhecemos os problemas.

Todos os vereadores vão ganhar com isso, toda a prefeitura, todos ganham com isso. E a gente contribui deixando um legado: as pessoas vão aprender a lidar com os órgãos públicos de forma diferente. É uma questão pedagógica, das pessoas começarem a pensar que política é uma coisa séria e que político tem de ser sério. A gente elege e tem que cobrar, ir lá ajudar. Não pode só “malhar”. Agora, as coisas têm que ser corretas, porque assim a gente pode cobrar quando o cara coloca o lixo no chão ou quando o médico não está no posto de saúde.

O que a gente quer é legitimar as instituições que são sérias. O método que queremos estabelecer é justamente este (proposto pelo prefeito): marcar reuniões com os secretários municipais, se puder, a cada dois meses, porque é isso, as coisas não acontecem de forma mágica. Secretaria de Educação, de Saúde e também uma reunião com a presidente da Comlurb, que é uma demanda que temos há muito tempo.

Não espero que o prefeito seja mágico. Depende muito mais da gente do que dele. Porque se a gente começar a ter um movimento na Maré de cobrança, a gente vai ter o bairro que a gente quer. E não vai ser quando chegar a UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) ou quando chegar outra coisa, porque já temos muito recurso público aqui. Tem que melhorar a relação com a população, ser mais transparente, mais sincero e parar de subestimar o povo.

Se a gente está conquistando postos de saúde e clínica da família, queremos que a qualidade seja garantida, porque apenas instalar o equipamento não dá conta da qualidade.

Se a gente começar a ter um movimento na Maré de cobrança, a gente vai ter o bairro que a gente quer.

O que a gente quer é olhar para o que já existe, parar de pensar pontualmente e tentar resolver os problemas de forma estrutural. Nós temos um Censo da Maré, conhecemos os problemas.



Um novo espaço para a arte

Arraiá inaugura Arena da Penha



A Zona da Leopoldina ganha mais um espaço público de cultura. A Arena Carioca da Penha será inaugurada com

uma festa junina, que ocorrerá durante todo o dia de domingo, dia 17 de junho. No encerramento, o público poderá ver Elymar Santos no palco, no show que encerrará o evento.

Com estruturas mais resistentes, feitas de alvenaria, as Arenas Cariocas são a nova versão das lonas culturais, construídas pela prefeitura.

Grande Arraiá de inauguração da Arena Carioca da Penha

Parque Ary Barroso, Av. Lobo Júnior, s/n, ao lado da UPA Domingo 17 / 06 de 10h às 17h

Manhã: brincadeiras para crianças, teatro infantil e troca de livros.

Tarde: trio e dj de forró com show de Elymar Santos (18h)

Anarriê também na Lona e na VOM

Arraiá da Lona da Maré
Sexta, 15 de junho, às 17h
Festa Junina da Vila Olímpica da Maré
Quinta, 28 de junho, às 9h

Saber quem somos

Censo Maré de vento em popa

 Silvana Bahia  Elisângela Leite

O Censo Maré está avançando. Os recenseadores já chegaram às comunidades da Vila do João, Vila Pinheiro, Conjunto Pinheiro e Conjunto Esperança. O Censo vai coletar um conjunto de informações que ajudam a pensar as políticas públicas para a Maré. Com isso, faremos um Plano de Desenvolvimento Integral para a região.

“O Censo nos permite ter um perfil muito mais claro das pessoas e como se pode produzir políticas muito mais centradas nas suas necessidades”, avalia Jaílson de Souza e Silva, diretor do Observatório de Favelas e professor da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Receba bem os recenseadores em sua casa. Eles estão identificados com camisa e crachá do Censo. (Texto: Silvana Bahia)

MORTE MATERNA: UM DESAFIO A SER VENCIDO.

O número de mulheres que morrem por complicações durante a gestação ou até 42 dias após o fim da gravidez ainda é grande no Brasil. De acordo com o Ministério da Saúde, a taxa registrada nos últimos 20 anos é de 68 mortes para cada 100.000 nascidos vivos, em consequência de infecções, hipertensão e hemorragias. A meta é alcançar a taxa de 35 mortes para cada 100.000 nascidos vivos até 2015.

Os números revelam a baixa qualidade de vida de muitas brasileiras, pois o risco de morrer está relacionado com as condições socioeconômicas da população. A desigualdade social gera graves disparidades na chance de sobrevivência de mães e recém-nascidos.

A maioria dessas ocorrências poderia ser evitada se todas as brasileiras tivessem acesso ao serviço de saúde de qualidade e assistência pré-natal. O acompanhamento médico durante a gravidez é essencial para garantir a saúde da mãe e do bebê.

O pré-natal deve ser iniciado assim que a gravidez estiver confirmada. E se quiser saber mais, visite a Sala Futura da Redes da Maré e assista os episódios do "Estação Saúde", que trazem informações sobre os cuidados durante esse período tão importante na vida das mulheres.



A gente quer...

Parto normal para nossos filhos

Mulheres divulgam os benefícios do parto natural para a mãe e para o bebê

 Jéssica Oliveira  Elisângela Leite

A pequena Alicia passou os primeiros minutos de sua vida sendo cuidada pela própria mãe, Thayara Cristine de Lima. Aos 18 anos de idade, Thayara entrou no hospital sentindo que a vida que carregava dentro de si não podia mais esperar para nascer. As fortes contrações anunciavam que a natureza começava a cumprir seu papel. A moça agarrou-se à ideia de que seu corpo tinha sido feito para aquilo. Tinha em mente que era perfeitamente capaz de dar à luz naturalmente. “Depois de todo

sofrimento das contrações na sala de pré-parto, o parto de fato foi muito rápido. Quando me colocaram na mesa, eu fiz força e ela ‘coroou’. Estava tudo indo direitinho. Instintivamente você sabe o que fazer”, conta.

Infelizmente, a história de Thayara vem se transformando em exceção. Cada vez mais grávidas optam por cesarianas em nome do conforto que a “modernidade” oferece. A dor do parto vem sendo tratada como algo abominável, como explica a médica homeopata Graciela Pagliaro, que atende no Posto de Saúde da Família da Vila do João. “A mulher ocidental entende a dor como algo que não deve existir, ao contrário da mulher oriental, que lida com a dor como um processo da vida”

Segundo relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância e a Juventude (Unicef), a taxa de cesarianas no Brasil é a maior do mundo. A organização Mundial da Saúde recomenda que apenas 15% dos partos sejam cesarianas, mas o Brasil já chegou ao número de 44% (de 2005 a 2009). “Será que a mulher brasileira é tão incapaz de dar à luz naturalmente?”, questiona Dra. Graciela, que responde em seguida: Não. A mulher brasileira, como qualquer outra, é apta a ter seu filho por meio do parto normal. “Acredito que o que acontece é um problema cultural”, opina a agente de saúde [Marisa Nascimento](#), fundadora da Ong NasciBem, com sede no Alemão, e grande apoiadora dos partos regidos pela própria natureza.

NOTA 10

Primeira Infância

Voltada para pais, educadores e cuidadores, a série **Nota 10 - Primeira Infância**, aborda a importância do desenvolvimento humano nos primeiros anos de vida para a aprendizagem.

O apresentador Léo Madeira mostra o dinamismo do desenvolvimento infantil de zero a três anos, em sintonia com as pesquisas mais renomadas da área e as múltiplas facetas que compõem essa etapa do crescimento. Afinal, o que é uma criança pequena e como desvendar seus mistérios?

Estreia: 26 de junho, terça-feira, às 15h.



Assista o Futura: Canal 18 UHF, NET Canal 32, Sky Canal 8, Parabólica - Polarização Vertical 20.

Dra Graciela quem o diga. Ela própria optou pelo parto normal em sua própria casa. “Eu tive a sorte de ter ao meu lado uma médica obstetra que me apoiou e esteve comigo durante todo o trabalho de parto. Meu primeiro filho nasceu saudável e no seu próprio tempo”, lembra.

Ao optar por um parto natural, a mãe tem a oportunidade de cuidar de seu bebê imediatamente. “Quando colocaram a Alicia toda sujinha no meu colo foi o momento mais emocionante da minha vida.

Não tem nada melhor do que ver pela primeira vez uma criança que ficou nove meses dentro de você. No dia do parto mesmo eu já estava de pé cuidando da Alicia, colocando roupinha e tudo mais. Com uma cesárea seria impossível”, afirma Thayara, a respeito do primeiro contato com sua filha.

Além da troca emocional que apenas o parto normal possibilita, os cuidados com a saúde do bebê nos primeiros minutos de sua vida são maiores. “Quando o bebê nasce e é amamentado pela primeira vez, ele ingere um

líquido riquíssimo em anticorpos. O leite materno é fundamental nesse período, e quanto mais rápido o bebê for para os braços da mãe, melhor”, recomenda Dra Graciela.

Valorização das parteiras

Esta informação também faz parte do saber popular. Na Nova Holanda, a dona [Maria da Penha](#) já foi responsável por trazer ao mundo cerca de 10 crianças. “Sinto uma emoção muito forte quando ajudo uma vida a nascer. Meu primeiro parto foi com uma vizinha. Disse a ela o que fazer e quando o bebê ‘coroou’ mandei fazer força e nasceu rapidinho”. Entretanto, este parto não contou apenas com a ajuda da parteira: “A polícia chegou, pois estava ouvindo muitos gritos. O policial, assustado, viu que o bebê tinha nascido e foi logo cortando o cordão umbilical, nem esperou eu dar o nó e medir”, conta, lamentando não ter feito como sua avó lhe ensinara. Hoje, pode-se dizer que é uma parteira aposentada. “Não faço mais partos porque pedi o controle da mão por conta da diabetes.”

Marisa Nascimento, no entanto, está a todo vapor na função de incentivadora do parto natural e da presença da parteira. “Ter alguém pra fazer um carinho no seu braço, pra ficar na beirada da cama esperando a hora do bebê, de entender sua dor e sua emoção é fundamental. Dificilmente um médico cumpre este papel. O parto natural é uma dádiva, e uma parteira é uma amiga nessa hora”, encerra ela.



Arrasta-pé na praça

A praça do Parque União é pontos de encontro de forrozeiros de todos os cantos do Rio de Janeiro, da Zona Sul à Baixada

 Rosilene Milliotti

*Localizada às margens da Avenida Brasil, a praça do Parque União, onde acontecem **shows de forró**, recebe uma média de público de 5 mil pessoas nos fins de semana e gera cerca de 250 empregos diretos e indiretos. Mas se engana quem pensa que são apenas moradores que frequentam o local. Um dos organizadores dos eventos e morador do Parque União, Edivan Valério, diz que “vem gente de todo lugar: Rio das Pedras, Rocinha, Copacabana, Pavuna, Baixada Fluminense. Em dia de show de bandas muito conhecidas, chegamos a receber 8 mil pessoas. Depois da feira de São Cristóvão é o local mais frequentado pelos forrozeiros, nordestinos ou não”, afirma.*

A quem diga que prefere o forró da praça em vez da Feira de São Cristóvão. É o caso Antonio Carlos dos Santos, morador de Duque de Caxias, que frequenta o Parque União há 10 anos. “Aqui tem forró do bom, comida e bebida mais barata, não tem que pagar para entrar, tem segurança e tranquilidade. Além disso, é pertinho do ponto de ônibus e táxi”, relata ele. Já para o cearense recém-chegado, André Santos, morador de Copacabana, o ambiente é muito bom e tem muita mulher bonita. “É um lugar ótimo para paquerar e foi um dos primeiros lugares que meus amigos me trouxeram para conhecer”.

Para Adriana Ferreira, moradora da Vila do João, os dois lugares são diferentes, mas prefere a praça por ser mais perto. “Dá para decidir na hora com os amigos, não precisa programar”, conta. Entretanto, sua amiga, Valéria Nunes, prefere a Feira de São Cristóvão por ter mais espaço para dançar. “Aqui é apertado. Na hora dos shows lota e a gente quase não consegue se mexer”, lamenta.

O Fazendeiro

Há 22 anos, Luis Fazendeiro, como era conhecido, um nordestino que gostava de forró, começou a organizar apresentações de bandas na Rua Roberto da Silveira, ao lado da praça. A primeira banda a se apresentar foi a Sol e Magia, composta por moradores da comunidade.

Na época, as bandas se apresentavam na rua, fora da praça, porque o local ainda não tinha a estrutura de hoje. Luis começou então a dividir as despesas dos shows com os comerciantes e, a partir daí, surgiu o modelo de cooperativa informal que funciona até hoje. Atualmente, a praça conta com 31 financiadores, entre donos de bares, restaurantes e quiosques.

A organização

Andre Gonçalves, coordenador dos seguranças, diz que o trabalho dele e de sua equipe consiste em manter a ordem durante os shows, evitando brigas, usando educação acima de tudo e energia se preciso for, mas nunca violência ou agressão. “Estamos aqui para manter a ordem de um local seguro e de diversão. Aqui, os frequentadores são, na maioria, cearenses. Domingo é o dia que mais enche e por isso requer mais atenção dos seguranças. O forró gera lucro e emprego





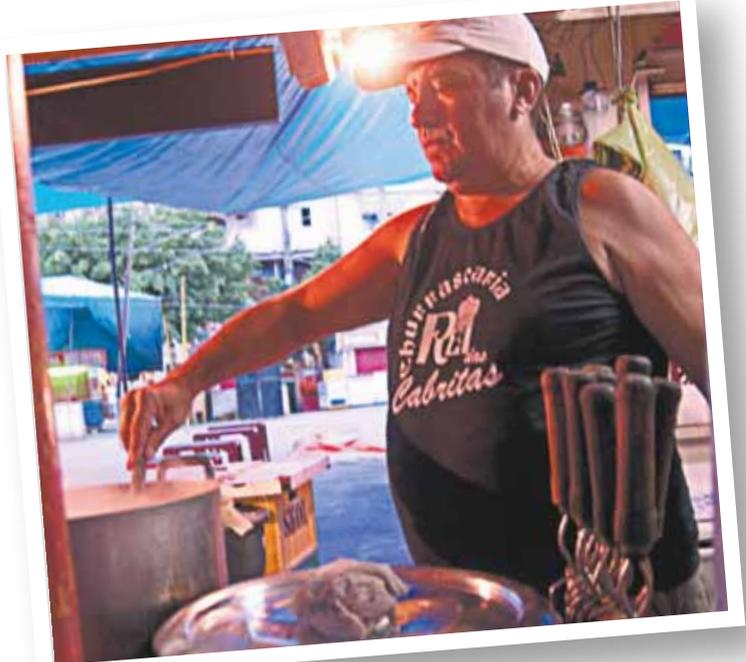
Rosilene Miliozzi

para o comércio local. Além disso, os seguranças e todos os eventos são financiados pelos próprios comerciantes. Bandas famosas no meio artístico do forró como Gatinha Manhosa, Frank Aguiar, Bonde do Forró vêm pra cá e trazem mais público para o Parque União”, conta.

O paraibano Pedro Gomes de Sousa, mais conhecido como Cazusa, lembra que no início havia apenas três quiosques. “Antes de ser na praça ao ar livre, as pessoas iam para o Forró do Bola Branca, também conhecido como Forró do Lampião. Mas com o tempo o clube foi acabando e o forró da praça ganhando força. A primeira grande banda que veio foi a Magníficos; cerca de 10 mil pessoas estiveram aqui. A partir daí percebemos o potencial cultural e de entretenimento desse lugar”, conta.

Para o cearense **Antonio Rodrigues**, dono do quiosque Rei das Cabritas há 20 anos, seu trabalho não é apenas vender carne de sol com aipim e manteiga de garrafa, é uma forma de divulgar a cultura e a culinária nordestina. “Aqui sirvo pratos tipicamente nordestinos. Temos carne de sol, manteiga de garrafa e baião de dois”, conta.

A agenda de shows, vídeos e fotos:
www.encontrodosartistas.com.



Lona cultural
Herbert Vianna
PROGRAME-SE!
TODA A PROGRAMAÇÃO É GRATUITA!

PROGRAMAÇÃO

Arraiá da Lona!

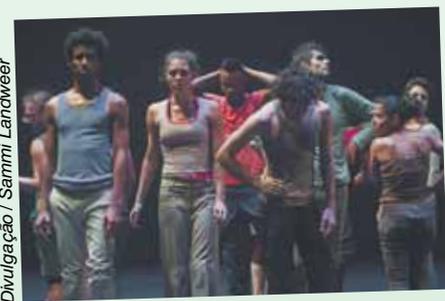


Sexta, 15 de junho, 17h
Brincadeiras, quadrilha, barraquinhas e muito forró com o grupo Os Três Forrozeiros



Rosilene Miliozzi

Roda de samba (Grupo Nova Raiz)
Sábados, 23 de junho e 14 e 28 de julho, de 13h às 19h
Entrada gratuita com almoço opcional (R\$10,00)



Divulgação / Sammi Landweer

Lia Rodrigues Cia. de Dança
Quinta, 28 de junho
15h - Oficina de Dança Contemporânea
19h - Piracema (espetáculo de dança apoiado pelo Fada 2012)

Sexta às seis
Sexta, 29 de junho 18h
Música, poesia e intervenções artísticas

Favela Rock
Sexta, 13 de julho, 20h
Tributo às bandas Raimundos, Paralamas do Sucesso e Los Hermanos

Cineclube RABIOLA
Todas as sextas, às 16h30
01, 08, 22 e 29 de junho
6, 13, 20 e 27 de julho
Audiovisual para o público infantil
Programação pelo tel. 3105-6815



João Penoni

Espectáculo de dança
“Sem o que você não pode viver?”

20 de julho, sexta, 19h na Lona
21 de Julho, sábado, 19h, no Centro de Artes da Maré (CAM)
com Ivana Mena Barreto
Classificação: 18 anos



Festival Nova Música Brasileira
27 de julho, sexta, 19h
Um dos maiores festivais de música independente do Rio. Seis bandas da Maré estarão



Elsângela Leite

Programação Infantil
Agora sábados, das 12h às 17h
02, 09, 16 e 23 e 30 de junho,
07, 14, 21 e 28 de julho
Brincadeiras, contação de histórias, fabricação de

OFICINAS REGULARES

Capoeira
3^{as} e 5^{as} - 13 às 15h

Cavaco
2^{as} - 15 às 17h e 3^{as} - 18 às 20h

Artes Circenses
2^{as} e 4^{as} - 14:30 às 16:30h

Percussão - Ritmos brasileiros
3^{as} e 5^{as} - 9 às 11h

Percussão - Samba
2^{as} e 4^{as} - 9 às 11h

Violão
2^{as} - 15 às 17h e 3^{as} - 18 às 20h

Gastronomia
4^{as} e 5^{as} - 8h30 às 11h30
13h às 16h

Teatro
Sábados - 10h às 12h
(13 a 17 anos)

Dança de salão
Sábados, - 18h às 20h



CONFIRA A PROGRAMAÇÃO! R. Ivanildo Alves, s/n - Nova Maré
Tels.: 3105-6815 / 78717692 - lonadamare@gmail.com
FACE: Lona da Maré - **ORKUT:** Lona Cultural da Maré **Twitter:** @lonadamare

Biblioteca Popular Municipal Jorge Amado - Ao lado da Lona, atende a toda a Maré. Amplo acervo, brinquedoteca, gibiteca e empréstimo domiciliar

ESPAÇO ABERTO

PRA MARÉ PARTICIPAR DO MARÉ

Envie sugestões de matéria, opinião, fotos, desenhos, rafite, poesia, crônica, receita...

R. Sargento Silva Nunes, 1.012 - Nova Holanda. Tel: 3104-3276
comunicacao@redesdamare.org.br

Garanta o seu jornal

todos os meses!

Busque um exemplar

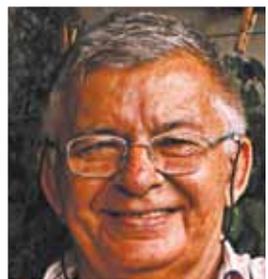
na Associação de

Moradores

da sua

comunidade!

É gratuito!



Seu Manoel expõe no Catete

Os quadros alegres e coloridos de Seu Manoel Correia do Nascimento, morador da Nova Holanda, estarão em exposição no Museu do Folclore, no bairro do Catete (Zona Sul), de 14 de junho a 22 de julho. Seu Manoel, ex-jardineiro, tornou-se artista naif depois da aposentadoria. Os leitores do Maré tiveram a oportunidade de conhecer seu trabalho na Ed. 4, de março de 2010.

Arte naif significa arte ingênua ou primitiva, feita por autodidatas. Há quem defina como “poetas do pincel”. “Eu crio o que vejo. É um passatempo; minha casa é uma exposição permanente. Meus quadros têm sempre pontinhos porque acho mais bonito”, explica Manoel.

Para saber mais, visite o site
<http://manoelnaif.wordpress.com/>

“Cores e Pincéis”

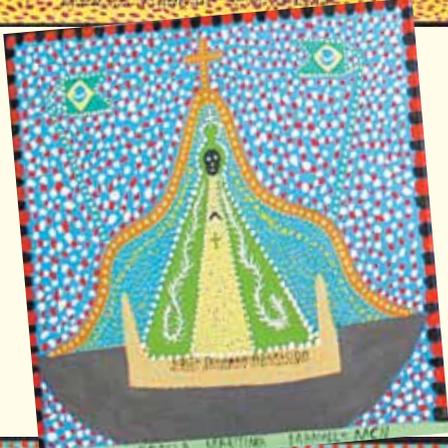
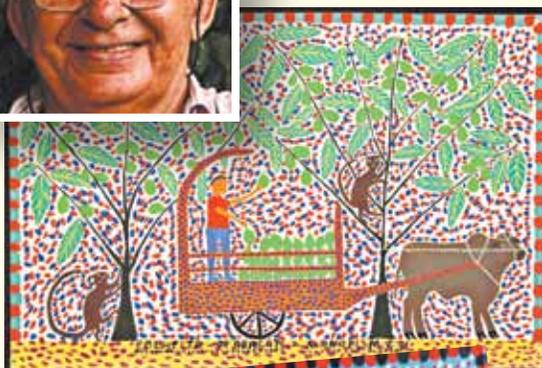
Abertura:

3ª a 6ª, das 11h Às 18h

Até 22 / 07 no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

R. do Catete, 179

(perto do metrô Catete)



Rindo toa

Diogo dos Santos

ARANHA

UM CIENTISTA MUITO DOIDO PEGOU UMA ARANHA E COMEÇOU A TIRAR SUAS OITO PATAS UMA A UMA. RETIROU A PRIMEIRA E FALOU: “ARANHA, ANDA!” E A ARANHA ANDOU. RETIROU A SEGUNDA PATA E DISSE DE NOVO: “ANDA, ARANHA!” E A ARANHA ANDOU NOVAMENTE. RETIROU A TERCEIRA, A QUARTA, A QUINTA E A SEXTA PATAS E SEMPRE REPETINDO A FRASE: “ARANHA, ANDA ARANHA.” E A ARANHA SEMPRE ANDAVA. RETIROU A SÉTIMA PATA E NOVAMENTE FALOU: “ARANHA, ANDA ARANHA.” E COM MUITA DIFICULDADE COM SUA ÚLTIMA PATINHA, A ARANHA ANDOU E APÓS ARRANCAR A SUA ÚLTIMA PATA, ELE ORDENOU: “ARANHA, ANDA ARANHA.” E FINALMENTE A ARANHA NÃO ANDOU. E ENTÃO ELE CONCLUIU SUA PESQUISA E FALOU PARA SEU ASSISTENTE: “ANOTE AÍ: A PARTIR DE HOJE FICA CONSTATADO QUE APÓS PERDER AS SUAS OITO PATAS, A ARANHA FICA SURDA.”

LIÇÃO DE DOR

- JUQUINHA, QUANDO ALGUÉM ESTÁ COM DOR NO CORAÇÃO O QUE DEVE FAZER?
- FECHAR OS OLHOS, PROFESSORA!
- O CORRETO É IR AO CARDIOLOGISTA. MAS POR QUE FECHAR OS OLHOS?
- ORA, O QUE OS OLHOS NÃO VEEM O CORAÇÃO NÃO SENTE!

MATEMÁTICA SIMPLES

A PROFESSORA PERGUNTA:
JOÃOZINHO, COMO DEVO FAZER PARA REPARTIR DEZ BATATAS PARA APENAS CINCO PESSOAS?
JOÃOZINHO RESPONDE: PURÉ DE BATATA.

HUMOR DE CEMITÉRIO

VOCÊ SABE O QUE UMA CAVEIRA MINEIRA DISSE PRA OUTRA?
“Ô, SÔ!”

Colaboraram Hélio Euclides e Pablo Ramos